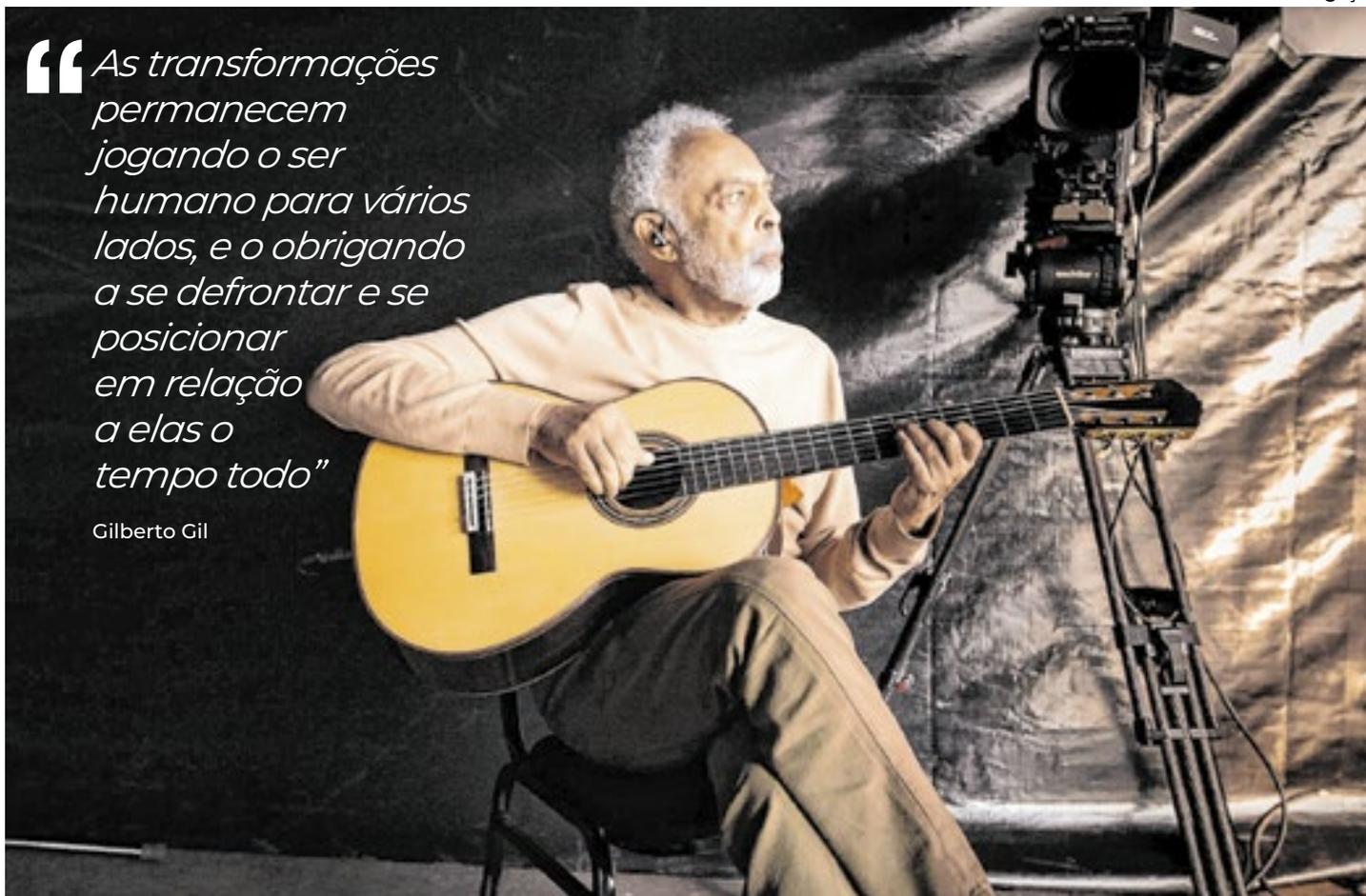


Divulgação

“As transformações permanecem jogando o ser humano para vários lados, e o obrigando a se defrontar e se posicionar em relação a elas o tempo todo”

Gilberto Gil



O tempo de desacelerar

Em 1980, Gilberto Gil pensava em abandonar a música. Como despedida, escreveu “Palco”, hoje um de seus sucessos. “Era fastio. Tive um impulso de paralisar a carreira e buscar outra profissão. Alguns artistas, como eu, estão sujeitos a momentos de náusea em relação ao trabalho”, ele diz. “Mas agora não. É velhice mesmo.”

Em seu apartamento no Corredor da Vitória, em Salvador, o tropicalista de 82 anos se refere à última turnê, “Tempo Rei”. Em meio a ensaios, fisioterapia e entrevistas, diz que não se trata de uma despedida definitiva dos palcos, e nem da música, mas da estrada e dos grandes shows. Gil explica que deseja voltar à dimensão originária do seu trabalho - se apresentar em espaços de pequeno e médio porte, para públicos modestos, enquanto sua saúde permitir.

No começo desses quase 60 anos de carreira, nem mesmo a guitarra elétrica era algo

comum na música brasileira. Em 1967, no Festival da MPB, na Record, ele e os Mutantes botaram o instrumento para chiar na histórica performance de “Domingo no Parque”. A plateia era pequena, mas Gil teve medo de encará-la. “Ali era a dificuldade do enfrentamento, aquela situação nova”, diz, lembrando que teve de ser resgatado no hotel para subir ao palco, de tão nervoso que estava.

A inserção da guitarra na música brasileira foi a primeira batalha estética que Gil e seus amigos, entre eles Caetano Veloso e Gal Costa, travaram. Para ele, a influência do tropicalismo, que veio de um ímpeto de modernizar a tradição musical brasileira, à luz da bossa nova, continua nítida. “Quase toda a música atual é inserida nesse campo das novas tecnologias. São elementos transformadores da própria condição artística”, diz.

No caso da tropicalia, os conceitos estéticos estavam em diálogo com a transformação na comunicação, que passou a atingir as mas-

sas - em especial com a TV, mas também a expansão do rádio e o maior acesso aos discos. “A tropicalia teve um papel na introdução desse novo contexto, no conceito de cultura pop”, afirma.

Aquelas experiências desembocaram, nos anos 1970, numa produção fonográfica hoje tida como uma usina de clássicos. Na visão de Gil, isso não tem a ver apenas com o talento daquela geração. “O aproveitamento do nosso talento se deu em função da expansão dos nossos interesses como artistas, representantes de uma voz social. É nesse sentido que o tropicalismo foi original, deflagrador de novas configurações. O talento sozinho não podia fazer nada.”

O enfrentamento dos tropicalistas foi estético, mas também político. Gil se lembra que teve reações distintas à prisão e ao exílio, impostos pela ditadura militar, em relação a Caetano. Foi na cadeia que ele compôs “Cérebro Eletrônico”, expressão do seu interesse

pelas novidades tecnológicas. “Sou canceriano, mais conformado com o sofrimento”, diz. “Enquanto ele se recolhia, eu ganhava uma nova expansividade.”

Gil também compôs e gravou “Aquele Abraço”, que traz no nome uma expressão que ele ouvia dos militares na cadeia, às vésperas do exílio em Londres. Em 1970, já na Europa, escreveu um texto no Pasquim recusando o prêmio Golfinho de Ouro, que havia ganhado pela música. Para ele, hoje e naquela época, “Aquele Abraço” recebeu “interpretações parciais”.

O artigo no Pasquim inaugurou de maneira mais firme a afirmação da identidade racial do baiano. “A tomada de consciência da minha condição de negro foi aflorando ao longo do tempo e culminou com um momento de agudeza quando fui preso e expulso do país”.

A negritude e a ancestralidade africana ficaram mais presentes na obra de Gil a partir dos anos 1970, e a ideia de originalidade do Brasil a partir da mestiçagem está em praticamente toda a sua produção. “A radicalização da questão racial é a mestiçagem. É inescapável”, filosofa.

Vanguarda institucional

Ao longo dos anos, Gil trabalhou para institucionalizar sua vanguarda. Foi vereador e secretário da Cultura em Salvador, além de ministro da Cultura de Lula. Usa hoje o fardão da Academia Brasileira de Letras que parodiou em seu disco de 1968.

Conhecido pela postura serena, Gil observa com certa naturalidade um planeta que enfrenta crises climáticas e vê a ascensão de líderes autoritários da extrema-direita, caso de Donald Trump. Acredita que “as transformações permanecem jogando o ser humano para vários lados, e o obrigando a se defrontar e se posicionar em relação a elas o tempo todo.”

E ainda que tenha trabalhado para levar a música brasileira em direção ao futuro, através também da tecnologia, ele hoje torce o nariz para magnatas das big techs como Elon Musk e conceitos como o aceleracionismo.

Gil quer para o mundo o mesmo que para sua carreira -desacelerar. “A ideia do crescimento econômico, que envolve o expansionismo internacional através do colonialismo, com as grandes dificuldades ambientais e sociais, de distribuição de riqueza, vêm chamando a atenção para o fato de que está na hora de desacelerar. É hora de pensar em decrescer, ter menos crescimento econômico -ou, pelo menos, um crescimento mais monitorado a partir de uma visão de políticas coletivas e públicas. Sou dessa turma.”